



GT 08. Antropologia das Emoções

Coordenador(es):

Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Raphael Bispo dos Santos (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sessão 1

Debatedor/a: Eduardo Moura Oliveira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Monalisa Dias de Siqueira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3

Debatedor/a: Ceres Gomes Víctora (UFRGS)

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidade. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer.

Distinção, respeito e dignidade: sentimentos de estudantes timorenses no exterior nas relações familiares em Timor-Leste

Autoria: Sílvia Garcia Nogueira (UEPB - Universidade Estadual da Paraíba)

Esta comunicação busca discutir os sentimentos de alguns estudantes timorenses que cursaram ou estão cursando o ensino superior no Brasil (Paraíba) e em Portugal (Lisboa) no que se refere às interações que estabelecem com seus parentes e outras pessoas do seu círculo social que ficaram no Timor-Leste (Ásia), em particular com os mais velhos. Fruto de uma pesquisa realizada entre 2017 e 2018 em Portugal e entre 2013 e 2019 no Brasil entre tais estudantes, recorrentemente surgiram nas falas dos interlocutores as palavras distinção e respeito quando se referiam ao modo como interagiam com os timorenses que não haviam saído de seu país de origem, especialmente os pertencentes às aldeias ou sucos distantes da capital Díli. Na percepção dos estudantes, falar Português e reproduzir hábitos estrangeiros adquiridos no exterior com tais pessoas muitas vezes podem ser vistos como atos de esnobismo e desrespeito às tradições familiares da sua casa (uma, em tétum). Cabe dizer que as línguas oficiais do país são o Tétum (língua de comunicação) e o Português (que poucos falam e por muitos considerado língua de elite), ainda que existam 15 outras línguas maternas. Timor-Leste possui um passado marcado por dominação estrangeira portuguesa, japonesa e indonésia, além de ter recebido missões e escritório da Organização das Nações Unidas. Vem passando por um processo de construção de estado e de nação na direção da autodeterminação, sendo a noção de dignidade um valor social importante compartilhado por todas as gerações de timorenses, os que estudaram e os que não estudaram no exterior, e nas interações entre eles.



**Reunião Brasileira
de Antropologia**

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: